

Os castigos da seca em “O quinze” de Rachel de Queiroz

Tássia Rochelli Gameleira de Souza (PPGL/UERN)
Maria Edileuza da Costa (PPGL/UERN)

Resumo:

O presente trabalho consiste em um breve estudo sobre a obra *O quinze*, da autora Rachel de Queiroz, enquadrada na geração de 30, geração que demonstra preocupação com os aspectos sociais e regionais. Na obra, a autora traz reflexões sobre a problemática enfrentada pelo homem nordestino, que vive no campo e é obrigado a deixar sua propriedade em busca de sobrevivência e para fugir da seca. O quadro social em que vive as personagens é o reflexo de muitas pessoas que vivem como retirantes, na esperança de encontrar um lugar para matar a fome e fixar moradia, acreditando que um dia a chuva volte a cair e seja possível retornar para a terra natal. Apesar de ter sido escrito nos anos 30, o contexto apresentado em *O quinze* se assemelha a situação vivida no período atual, momento em que a maioria dos nordestinos enfrentam escassez de chuva, e mesmo com programas governamentais, que busca amenizar as dificuldades financeiras e até mesmo de sobrevivência, nada substitui a alegria do nordestino em ver cair do céu chuva. No decorrer deste trabalho, falaremos sobre a autora, a contextualização da obra, para partirmos em busca de uma reflexão sobre a problemática da seca vivida pelas personagens.

Palavras-chave: Seca, Retirante, Nordeste.

I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante das transformações ocorridas no Brasil no período de 1930, em que o país passava por uma crise econômica, choques de ideologias, e reflexões acerca das tradições oligárquicas, se formava um cenário propício para a publicação de obras que tratassem de problemas sociais, retratando assim a verdadeira realidade brasileira.

Nessa busca do homem brasileiro presentes nos mais distantes lugares do país, o regionalismo se destaca em obras, onde as personagens mantêm sua relação com o meio natural e social. Rachel de Queiroz, por exprimir uma preocupação social, apoiada pela análise psicológica do homem nordestino, publica “O quinze” e se destaca no romance regionalista da geração de 30.

“O quinze” é a obra de estreia de Raquel de Queiroz, escrita na fase dos seus 19 anos de idade, caracterizada como “um típico romance do século XIX” (DACANAL, 1986, p. 16-17), mostrando a realidade tal como ela é, sem questionamentos, mas um conformismo acerca do modo de vida do sertanejo.

A narrativa, como o título da obra sugere, retrata a grande seca vivida pelo homem nordestino no ano de 1915, e as descrições se assemelham as experiências vividas pela própria Raquel de Queiroz, que fugiu com a família da cidade de Quixadá-CE, onde residiam, para o Rio de Janeiro, tentando escapar da grande seca que assolava a época, fato utilizado como inspiração para sua obra de estreia, na qual se estuda nesse trabalho.

Nessa perspectiva, pretendemos com esse estudo falar um pouco sobre a autora Rachel de Queiroz e a geração a qual faz parte; faremos um passeio na obra em seus aspectos gerais, bem como enfatizar as personagens da obra, Vicente, homem de fibra forte, típico do nordestino, Chico Bento e sua família, que traz uma reflexão acerca dos

retirantes que rumam em busca de uma vida melhor, obrigados pela escassez de chuva a deixarem sua terra natal, embora nunca percam a esperança de voltar.

II – RAQUEL DE QUEIROZ E A GERAÇÃO DE 30

Nascida em 1910 em Fortaleza Ceará, Rachel de Queiroz foi uma mulher à frente do seu tempo. Professora, jornalista, romancista, cronista e teatróloga, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras e uma das mais importantes romancistas do movimento regionalista.

Filha de proprietários rurais rumou do Quixadá, interior do Ceará, juntamente com os pais para o Rio de Janeiro, fugindo da terrível seca que assolava 1915. Com menos de 20 anos de idade, utilizou sua experiência de fuga na publicação do seu primeiro romance em 1930, “O quinze”, que lhe rendeu reconhecimento, retratando a realidade do sertanejo, obrigado pelos aspectos naturais a viver uma vida de retirante.

Segundo Monteiro

Raquel de Queiroz não quis fazer literatura; e por isso o seu primeiro romance resultou a grande obra literária que ela podia fazer, posta ante a experiência que vivera fundamente no mais íntimo coração. Não quero dizer – pois não sei, e portanto não o poderia fazer – que Raquel de Queiroz se tenha posto a si própria em *o quinze*; ao falar em experiência fundamental vivida, penso, não em fatos de que ela tenha participado, mas do receber a realidade de si, e revivê-la, o que pode acontecer sem o autor ter tido qualquer participação naquilo que narra. A forma da sua experiência é bem diferente da deste último tipo, que será a do memorialista. O romancista tanto memoriza como inventa fatos o que ele não pode inventar é o sentimento da vida como ela é, e para isso é preciso que tenha estado em algum lugar da terra e se tenha impregnado duma determinada conjuntura emocional, duma atmosfera, dum ambiente, dum céu e duma terra, e de presenças humanas. (MONTEIRO, 1977, pp. 23-24)

O livro despertou imediata atenção da crítica, e Rachel de Queiroz foi subestimada por alguns críticos, que acreditavam que a autora era um pseudônimo de algum autor famoso, pois não imaginava uma mulher tão jovem escrevendo uma obra tão completa, onde se discutia denúncia social, e que há uma tomada de posição temática da seca, do coronelismo e dos impulsos passionais, em que a psicológica se harmoniza com o social.

A repercussão literária da obra percorreu não somente o Ceará, mas também o Rio de Janeiro e São Paulo, e Rachel conquistou um dos prêmios mais importantes de 1931, que foi o Prêmio Graça Aranha, concedido pela crítica da época.

Rachel fez parte de uma geração vivida em um momento bastante conturbado. Em meio a crises econômicas, ideologias se chocando e questionamentos sobre as tradições da oligarquia, o romance regionalista encontra palco e uma preocupação sobre os aspectos sociais é presente nas produções de autores dessa geração.

Nesse sentido, Abdala se pronuncia dizendo:

Não tivemos, na década de 30, um “regionalismo” no sentido da ênfase no pitoresco regional ou situações particulares de cada local. As situações

narrativas, embora enfocassem uma determinada região, poderiam ser extensivas a todo o país. A visão crítica que aparece nessas produções tem em vista o caráter social, mostrando situações típicas do país. (ABDALA, 1986, p. 207)

Os autores dessa geração utilizavam-se da literatura para retratar questões sociais em que o país enfrentava. Após a fase heroica do Modernismo brasileiro, empenhado em mostrar as inovadas vanguardas europeias, os modernistas de 1922 abriram caminho para um novo grupo de escritores, logo, surge uma gama de poetas e romancistas com espírito mais liberal, sem amarras formais do academicismo, expressando-se através de uma linguagem mais simples e mais próxima da realidade de muitos brasileiros. Dentro desse prisma, o regional foi evidenciado com suas particularidades, mostrando um país cheio de diferenças.

Enquadrados na segunda geração do Modernismo, os escritores Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, foram alguns dos principais que se destacaram em todo o país, cada um falando da realidade de sua região, utilizando-se de obras ficcionais para mostrar as dificuldades regionais enfrentadas pelo povo brasileiro, a maioria delas experiências de vida dos próprios autores.

Com Graciliano temos romances que caracterizam-se pelo relacionamento entre condições sociais diferentes, personagens com linguagem precisa, enxuta e despojada. Em Jorge Amado vemos obras que traçam um verdadeiro quadro do povo brasileiro, em especial o povo baiano, com suas expressões populares, preservação de costumes e bom humor. José Lins do Rêgo publica obras que tratam de fazendas e engenhos, decadência da cana de açúcar e cangaço, girando em torno da Paraíba e Pernambuco. José Américo de Almeida também vem trazer obras que tratam de questões do ciclo açucareiro, cangaço e a seca nordestina. Raquel de Queiroz, não fugindo as raízes, direciona o seu olhar para o Ceará. Sua prosa reflete sobre a mulher, flagelo da seca e coronelismo, entrelaçados com o psicológico das personagens.

III – “O QUINZE”: UMA OBRA DE SUCESSO

“É o documentário nordestino, enxuto e realista, nascendo para espelhar uma região de sofrimentos.”

(Adonias Filho, 1977)

A obra “O quinze” evoca a terrível seca do Ceará de 1915, e como consequência a fome, que está presente em quase todos os 26 capítulos sem títulos enumerados. O livro não tenta dar uma lição, mas mostrar a dura realidade dos retirantes, que por consequência da falta de chuva são obrigados a retirarem-se de suas terras e migrarem em busca de sobrevivência.

O romance conta a história trágica da família de Chico Bento e Cordulina, juntamente com seus cinco filhos. Chico Bento recebe a ordem de abrir as porteiras dos currais e deixar o gado ir em busca de alimentos, pois Dona Maroca, proprietária da fazenda onde Chico Bento e sua família morava, não queria ver o gado morrer de fome por

falta de chuva. Sem lugar para trabalhar e vivendo em condições miseráveis, Chico Bento e família decidem migrar para o Amazonas, buscar ao menos o alimento, então decide vender o pouco que tem e seguir viagem. Enfrentaram uma longa caminhada a pé, perde um filho, que come mandioca crua e morre envenenado, e outro que some e não dá notícias.

Na obra também é mencionada mais 15 personagens, todos enfrentando a mesma problemática da seca. Dentre esses personagens, podemos destacar a generosa professora Conceição, que dedica suas horas vagas a distribuir comida aos retirantes que vivem em um campo de concentração e o vaqueiro Vicente, por quem Conceição suspira de amores. A história de amor entre Conceição e Vicente poderia ser o lado bom e humano da história, porém a falta de comunicação entre os dois e o desnível cultural contribui para um desfecho infeliz, fazendo-nos crer que a seca é responsável por mais este infortúnio.

O romance é narrado em terceira pessoa, ou seja, pela própria autora, com narrador onisciente, não participando da história. Sua linguagem é natural, simples, coloquial, condicionada ao assunto e a região, o que torna a leitura agradável e o livro um sucesso. A história se passa no Quixadá e é contada em linha reta, obedecendo uma sequência natural de início meio e fim.

A autora focou na emoção, sem mostrar a preocupação de procurar o culpado pela desgraça de cada um ou mesmo o grupo envolvido na história. O romance não apresenta o perigo dos romances sociais ao explicitar quem é bom ou ruim, apenas tem o intuito de retratar a vida como é, com suas dificuldades e barreiras, com um dia a dia cheio de impasses e uma luta diária pelo necessário para se viver uma vida digna para seres humanos, e não tendo que ser comparados a animais.

IV – VICENTE, UM PERSONAGEM EM DESTAQUE

Vicente é filho de fazendeiro rico, mas não quis seguir o mesmo caminho que o irmão Paulo, que se formou em Direito e vive financeiramente bem na capital do Ceará, Fortaleza. Prefere viver cuidando da fazenda e das criações de animais, e nesse mundo ele se fecha, dedicando-se sempre nas atividades do campo. Sente uma paixão por Conceição, mas diante das muitas diferenças existentes entre eles, acaba por terminar sem nem ao menos ter começado.

Diante da seca, dos animais morrendo sem ter pasto, passando fome e sede, a família de Vicente decide deixar a fazenda por um tempo, enquanto não chega a chuva. Mesmo sabendo de todas as dificuldades que terá que enfrentar, Vicente é o único da família que permanece na fazenda, zelando pelo gado, vendo tudo se acabar aos poucos.

Sua perseverança no romance é sem dúvida um dos pontos fortes do romance, ao mostrar-se um homem de coragem, esperançoso, típico do homem nordestino, representante fiel do sertanejo, que luta até o fim para ver o quadro mudar de figura. Mesmo sem chuva, seca castigando, uma das principais características é carregar a esperança como aliada, acreditando sempre na mudança e na ajuda divina.

Há momentos em que o personagem revolta-se com o destino lamentável que lhe cerca, pelo rumo tomado por sua vida: “Recordando a labuta do dia, o que dominava agora era uma infinita preguiça da vida, da eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza” (1993, p. 41), mas mesmo insatisfeito, com mais uma atitude relevante, o vaqueiro não deixa de acreditar que ainda pode haver mudança, basta apenas cair chuva do céu, meta comum aos sertanejos nordestinos.

Quando cai finalmente a chuva as forças de Vicente são renovadas, juntamente com suas perspectivas de uma vida melhor, acreditando que a única bênção da natureza é a

chuva, pois renova todo o ciclo natural e lava as misérias que assola o sertão.

E longamente ali ficou, sorvendo o cheiro forte que vinha da terra, impregnado dum calor de fecundação e renovamento, deixando que se lhe molhasse o cabelo revoltado, e lhe escorresse a água fria pela gola, num batismo de esperança, a que ele deliciosamente se entregava, sentindo nas veias, mais ativas, mais alegre, o sangue subir e descer em gólfãos irrequietos. (1993, p. 133)

A partir dessa descrição nossa esperança é renovada juntamente com a de Vicente. Sentimos a alegria em ver a alegria da personagem, pois tudo se vivifica através da chuva, as forças para seguir adiante, lutar por dias melhores. Não é desejo de nenhum sertanejo deixar sua terra, mas ter motivos para permanecer e mudar uma realidade, para isso se faz necessário muitos fatores, e o principal deles é a chuva.

V- UMA FAMÍLIA DE RETIRANTES

O ser humano é dotado de insatisfações, inquietudes essas que levam as pessoas a seguirem além das suas fronteiras para suprir necessidades sociais, conhecer lugares, novas pessoas, e até mesmo obrigados pelas circunstâncias que a vida impõe, almejam buscar algo diferente do que existe em sua terra de origem.

Pensando nisso, reportamo-nos para a palavra errância, cuja definição de Maffesoli nos apegamos:

A errância é coisa do tipo que, além de seu aspecto fundador do todo conjunto social, traduz bem a pluralidade da pessoa, e a duplicidade da existência. Também exprime a revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida, e fornece uma boa chave para compreender o estado de rebelião latente nas gerações jovens das quais apenas se começa a entrever o alcance, e cujos efeitos não terminamos de avaliar. (MAFFESOLI, 2001, p. 16)

Revoltar-se com o que está proposto pela sociedade é uma atitude de coragem, e não há facilidade nenhuma em sair do comodismo, de querer buscar aquilo que não está pronto, focando na satisfação e melhor qualidade de vida. Vivemos de errâncias constantemente, mas existem situações que nos empurram para sermos retirantes de nós mesmos, fruto dessa busca inconstante pelo novo, e sermos retirantes de nossa terra, como o que aconteceu com a família Bento em “o quinze”.

Obrigados pela seca que fragilizou o sertão próximo a Quixadá, a terra sem produzir por falta de chuva e os bichos morrendo por falta d’água e pasto, Chico Bento é mandado embora. Deixar a fazenda de Dona Maroca das Aroeiras era a solução para não morrer de fome.

- Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que Dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém. [...]

- Do que tenho pena é do vaqueiro dela... pobre do Chico Bento, ter de ganhar o mundo num tempo destes, com tanta família! (1993, pp. 11-12)

Viver como retirante não era um dos projetos de Chico Bento, nem tão pouco de qualquer sertanejo que ama sua terra e vive do que dela dá. Mas é essa a realidade de muitos que precisam da chuva para sobreviver, e que na ausência desta a sobrevivência se torna árdua e dificultosa, pois no campo tudo gira em torno do que do céu cai, água.

Entregar os pontos e vagar por aí em busca de um lugar que oferte o mínimo necessário para o sustento da família não é uma questão de escolha, sim de sobrevivência. Mas apesar das adversidades, dos infortúnios, ainda há em Chico Bento um querer em ganhar o mundo, construir um futuro. Este via na fuga uma esperança, e por que não dizer um sonho por dias melhores, e dessa forma assume sua posição como errante, pois “o errante carrega consigo sonhos complexos. Sonhos, sobretudo, de que não abdicou. Sonhos que continuam a animar sua vida e que, justamente, o mantêm no caminho” (MAFFESOLI, 2001, p. 166)

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.

Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha. [...] combinou com a mulher o plano de partida.

Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.

Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhe os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte.

A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades, fome, angústia, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as visagens, fazia dele rico e vencedor. (1993, pp. 26-27)

Revestido de coragem e esperança, Chico Bento enxerga a solução de tudo aquilo em horizontes diferentes, longe daquela secura encontrada no sertão nordestino, Amazonas era o seu destino, e nada mais justo para aquela família de sofredores vencer, dar a volta por cima, conseguir angariar recursos, para quem sabe um dia, com a terra já molhada pela chuva, voltar para seu aconchegante lugar.

Chico Bento troca um boi, uma vaca e um garrote, sua roupa de couro de capoeiro com Vicente, e em troca recebeu um burro, que seria útil na sua vida de exilado daqui pra frente. Ruma a Quixadá em busca das passagens que o governo oferta, sem resultado, pois com a família grande que tinha só se esperasse um mês para receber todas. Decide ir por terra por falta de opção, mas os infortúnios não tinham acabado. Na verdade, só começariam a partir de sua saída da fazenda.

Não bastante a infelicidade de deixar suas raízes e rumar para uma terra desconhecida, pelo meio do caminho Chico Bento perde dois filhos, um morre envenenado com mandioca crua e o outro some sem deixar sinal. Embora não quisesse deixar marcas por onde passou, Chico Bento plantou um dos seus preciosos frutos, o filho morto é enterrado na beira da estrada, uma marca dolorosa de sua vida de retirante.

Em sua andança a pé passa por várias necessidades, fome a pior delas. Havia dias

que não colocavam comida na boca, e a família se alimentava do que lhe aparecesse, uma vaca morta por doença, rapadura, farinha, tripas de uma cabra roubada. A vagar com a família, de cidade em cidade, vendendo o pouco que tinha, tudo contribuía para a ruína daqueles que viviam como retirantes, fugindo da seca, pois a fome persistia em segui-los. Chico Bento tentava fugir do desespero, mas a lamentação agora era uma forma de desabafo.

Chegando em um campo de concentração, local onde se encontravam muitos retirantes, a tristeza passa a fazer parte da vida da família Bento, e mesmo sem ter cometido nenhum crime contra a nação, viviam como exilados de sua terra, mendigando atenção.

Sobre o exílio Edward Said nos traz uma reflexão:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (EDWARD, 2003, p 46)

Já aquele era o destino, Chico Bento e a família se conformam em viver longe de casa, embora a grande vontade fosse voltar. Assumiram sua característica de retirantes e a cada dia almejavam ir mais distante. Chico tentava convencer a mulher e a si mesmo que o melhor seria continuar sua andança. Talvez Amazonas, Conceição não concordou: “- Isso não comadre, [...] Estas crianças não suportam uma viagem numa gaiola, de Amazonas acima... E mesmo que aguentem o navio, o que fazem com as doenças?” (1993, p. 106). Quem sabe a felicidade estivesse no Maranhão. Cordulina, também não concordou. “Que Maranhão Chico, Deus me livre! Tu não tens visto dizer que morre lá a família inteirinha de sezão, que nem fosse de peste?” (1993, p. 106). Não havia outro jeito, o rumo seria sair dali para não viver de esmolas ou ver os filhos morrer de fome. “Então o que é que se há de fazer? A senhora está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola?” (1993, p. 106)

Seguem para São Paulo, sonhando em conseguir vencer desta vez, por ser uma terra que muito oferece. “- Eu já tenho ouvido contar muita coisa boa do São Paulo. Terra do dinheiro, de café, cheia de marinheiro...” (1993, p. 108). Expectativas renovadas na ida, mas o que os aguardava por lá? Chico Bento e Cordulina acreditavam que o melhor estava por vir, afinal, tudo se dá em uma terra que chove. Apesar da alegria da viagem, a nova terra trazia também um pouco de medo, e o que esperar do desconhecido?

Lá de cima, a moça os ficou vendo ir, novamente agarrados, sempre fitando o mar, com os mesmos olhos de ansiedade e de assombro.

Iam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos...

Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre fome e mortes, e angústias infinitas, para conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno... (1993, pp. 113-114)

Arriscaram e lá se foram. Chico Bento e família, com a ajuda de Conceição conseguiram embarcar para São Paulo. Embora com esperança de ganhar um pouco mais, Chico, assim como muitos retirantes, nada mais almejaria do que o básico para sobreviver na terra em que nasceu e se criou. As circunstâncias da vida não permitiram, empurrando a família Bento para o exílio. E essa é a realidade de muitos nordestinos, que arriscam rumando para lugares em busca de melhores condições de vida.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O quinze” é uma obra bastante completa para se entender as dificuldades dos nordestinos que vivem no sertão, dos castigos ocasionados pela seca, da perseverança na luta pela sobrevivência e a esperança de ver um dia as coisas mudarem.

Apesar de ter sido escrito nos anos 30, a história ainda se assemelha a algumas realidades no nordeste brasileiro dos dias atuais. Mesmo com políticas assistencialistas, o sertanejo nordestino ainda passa fome, ainda almeja chuva e ainda migra em busca de sobrevivência. Reflexões como essa se faz necessário para tentar mudar a realidade de muitos brasileiros.

Portanto, diante de tudo que foi dito, esperamos que nosso estudo tenha contribuído para a divulgação da obra e do período literário modernista, bem como incentivar a leitura de *O quinze* como foco nas discussões sociais, preocupação que deve ser de todos.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamim; CAMPELLI, Samira Y. **Tempos de Literatura Brasileira**. São Paulo: Ática, 1986;

DACANAL, José Hidelbrando. **O romance de 30**. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986;

EDWARD, Said W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003;

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993;

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001;

MONTEIRO, Adolfo Casais. In: **O quinze**. 23 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977;

<http://www.angelfire.com/de/queiroz/escritora.html>. Acesso em 16/04/2013 às 16h: 47m;

http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/analises_completas/o_o_quinze.

Acesso em 17/04/2013 às 19h: 25m.

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB